

Pão Nosso...

Porto, 11 de Maio de 1910.

N.º 4

SUMMARIO:

- I—O JUIZ DE FERRO.
- II—BACOCO MAGNO, REI DA LUSITANIA.
- III—NA MORTE DUM IMPERADOR.

O juiz de ferro

O sr. juiz enxofra-se.—O P.^e Matos acomoda-o.—Antes e depois do chocolate.—Dialogo provavel do sr. juiz.—No vasadoiro do conde de Samodães.—A morte de D. Carlos, condição da renascença de Portugal.—O sr. juiz confessa.

Pois succedeu que o senhor juiz se agoniou! Elle tão rebelde a traumatismos psicicos!...

D'entrada, quando aqui revelámos, sem acardumar comentarios, o epitafio condensado, que elle ejaculara entre dois estalados abraços, sobre D. Carlos:

—*Parabens! Já está morto o bandido!*— o implacavel juiz sentiu a via obstruida d'argumentos, e acarrou no silencio.

Mas fados esquerdos o espicacavam. A sua *verve* epigramatica, vestida de novidade, obtinha successo e escandalo. Podia mesmo volver-se em afogador de suas rijas ambições.

Chamou à conselho. Houve longo abocamento com o cle-

rigo do *Portugal*, kaga-tinta empolhado de moral e de gafeira, que ao juiz lavraria atestado de civismo, em tanta fé e consciencia como nas paróquias alentejanas assentava batisados e casorios.

O enxovêdo do jornalismo preparou-se para jarretar a calunia, porque o juiz abarbava-se então á arca partida com os espetros de mais cinco regicidas, que pairam na orla da cauda cometaria. Em cujo proposito o clerigo assim descoimou da culpa o inteiriço magistrado:

Somos informados de que se trata de mais uma falsidade desses republicanos que não teem escrupulos em difamar quem quer que seja, e muito menos o magistrado integro que está á frente do juizo de instrução.

Mas, suponhamos que a nossa informação é má. Nesse caso seria conveniente que os comerciantes abraçados pelo juiz dissessem da sua justiça no mesmo folheto que faz tal afirmação.

Mansamente — ai! que eu tenho minutos de evangelica mansidão! — em carta dirigida ao *Mundo*, opuz ao rasoado do juiz, por labios canonicos bolsado:

- 1.º) Exija-me as provas em juizo;
- 2.º) Intime os comerciantes em referencia a desmentir-me.

O dilema é tão simples: Ou provava eu que o desmentido do juiz era falso; ou provava o juiz que falsa fôra a minha afirmação.

Porque, e num caso de tanto melindre, o juiz que pôde tudo, não tem ousio d'escrever uma carta? De raiz sabe a quem dirigir-se deve. E' o que usa chamar-se: — *segredo de Polichinelo*, bichanado d'ouvido a ouvido, por maneira que num dia cõrra do Porto a Lisbõa, té Algarves d'aquem e d'alem mar...

Mas o servo do altar, da raça daquelles a quem D. Francisco de Quevedo crismou « flôr de picaros, espelho de rufiões, espuma de vinho turvo », ajuntou da sua pipa, uns golos de filosofia, higiene, e bons costumes.

Como passam a saborear:

Todavia, demos de barato que fosse verdade o que nos informam ser calunia. Não era isso motivo para que o sr. Almeida Azevedo, nomeado juiz de instrução criminal deixasse de averiguar quem foram os assassinos das régias vitimas, como não pode deixar de averiguar todos os crimes—seja o assassinato dum rei ou dum mendigo, seja do seu maior inimigo. Isto é que é logico, mas a moralidade daquelles senhores é como se vê...

Está assente. O magistrado é um bloco marmoreo, frio, duro, corporisando um simbolo, somatorio d'abstrações. Está assente, padre. Demos de barato.

O juiz sem a béca, encadernado á paisana, louva-se no regicidio, e como para se matar um rei, a logica obriga a que haja alguem que o mate, quem faz a apologia do acto, não só justifica, como aplaude o agente.

Mas o dito juiz negreando nas prégas da toga, busca os que antes considerára como justiceiros, e declara-os justiçaveis! Passa a virtude a crime, invertem-se os valores sociaes, com a serena consciencia de quem junge numa sintese elementos entre si irreductiveis.

Extremadamente grandiloquo, magestosamente romano! Devia ser com essa logica transcendente que Saturno comia a propria filharada! Depois tomou-lhe o gosto e desatou a mastigar calhaus.

O senhor juiz é uma contradição viva, da especie daquelle politico que se declarava *clerical anticatolico*, ou dos livres pensadores que só crêem na graça divina.

Talvez que no seu gabinete decorram scenas neste genero, ao abrir dos interrogatorios:

Juiz — Foi o sr. que matou o bandido?

Acusado — Não. Mas quando um tirano sae fóra da lei, assenta-se dentro della — a Morte.

Juiz — Tambem assim penso lá fora. Aqui dentro, porém, direi que isso é aleive, traição, abominação e ignominia. Os quimicos denominam este fenomeno: — a ação catalitica do vestuario.

Vivemos no paiz do *vice-versa*. Curial se torna, por consequencia, que um apologista do regicidio receba a missão d'inventar regicidas, e de os condenar. Chamam ao facto: — ser logico. Pudera! Descobriu-se, ha pouco, que Saturno evacuou o derradeiro predregulho tragado, e as lascas do seixo formaram a logica. De maneira que quem receber com alguma no toitico, fica esborrachado.

Estavam estas linhas escritas, e eis que o magistrado cahôa de novo em fervura. Desta vez derramou-se noutro cano. Verteu pelos orgãos do sr. conde, luminar da Igreja, bispo de chapêu alto, deposito de latim, cebo, e avareza.

A gazeta da clericalha do norte, em seu numero de domingo, escoa com este geito outro puxo da defêsa do magistrado modelar:

LISBOA, 7 — O mesmo amigo a quem me referi num dos dias ultimos e que teve uma conversa com o sr. juiz de instrução sobre a frase attribuida a este magistrado por ocasião do regicidio num estabelecimento comercial do Porto, assegurou-me que apenas tem de verdadeiro o caso de o sr. dr. Almeida Azevedo, em conversa com um dos editores do seu livro sobre «Reforma Judiciaria», nessa cidade dizer que talvez a morte de D. Carlos trouxesse uma era de renascença para Portugal, acabando com os erros que de longe vinham, mas que não manifestou satisfação pela morte do chefe do Estado pois seria uma infamia, tratando-se da morte dum homem que é sempre infame e sobretudo nas circumstançoes em que esse assassinio foi praticado.

Tambem me dizia esse amigo que o sr. dr. Almeida Azevedo não tinha intimidade sufficiente para dar um abraço no referido individuo como se lhe attribue.

Este amigo que nos seios d'alma acovilha os desabafos do impecavel juiz, será daquelles que a folha reacionaria burlou com os cincoenta contos de papel d'embrulho? Olhem lá! Não esteja o homem a desferrar-se!

Eu não disse tanto, eu não sabia tanto como o senhor juiz manda confessar. Não identificara, por melindres, os interlocutores do juiz. Sobejavam-me comtudo razões para assegurar que elle a primôr conhecia a quem me reportava. E ei-lo que pega de carregar na pontuação, e trazer nomes ao debate.

Ao mesmo tempo, como jurista e escritor apegado á dialectica, elle indica os fundamentos da sua opinião no tocante ao regicidio. A sua profissão de julgador imprime character. Está habituado a motivar sentenças. Motiva a que pronunciou na rua dos Carmelitas.

A morte de D. Carlos, segundo elle, era condição da renascença para Portugal, o que significa que ella constituiu um beneficio nacional. Para se cerrarem a sete chaves os erros que de longe vinham, urgia o desaparecimento do rei. Portanto as necessidades do progresso social determinavam que tal rei desaparecesse.

Ora não ha progresso social, no elevado conceito moral e juridico do vocabulo *progresso*, sem justiça. Conclusão implicita no conceito do magistrado:—o regicidio foi um bem para o pais, e um acto justiceiro.

As declarações subseqüentes que o orgão da reacção acrescenta, nada tenho com ellas. Classifica o senhor juiz, agora, d'infamia, as suas opiniões d'outrora? Pois que lhe preste! Bem sei que pode alegar o defeito de julgar em causa propria, mas absolva-se ou condene-se á vontade, como se crê no direito absoluto de variar de criterio ao sabor de suas ambiciosas esperanças.

Pode ajuntar que é difficil cada um conhecer-se a si mesmo. Já Alph. Karr opinava que tres pessôas havia que o homem não conseguia compreender:—a sua mulher, o seu amigo mais intimo, e o seu *eu*.

Por mim não exigia tanto de S. Ex.^a. D'aqui lhe agradeço servir-me melhor que eu esperava.

E para testemunho de gratidão, este periodo do *Democrata* d'Aveiro, n.º 116, ao consagrar-nos amaveis referencias:

Sobre tudo o primeiro artigo tem causado viva sensação se bem que o facto da satisfação do juiz Almeida Azevedo pela morte do rei Carlos fosse já conhecido, por em Aveiro se ter igualmente exteriorizado entre os amigos.

*Corra a voz de serra em serra
Como corre uma levada...*

Bacôco Magno, rei da Lusitania

Os d'além-campa.—Jornalista, orador, jurisconsulto, roceiro, confidente. — Dois aforismos da sua filosofia.—O invejoso das superioridades.—A «buena-dicha» a um inimigo.—Razão da sua força.

Ahi pelo anno de 1907, perguntavam a um norte-americano agudo e espirituoso observador, de regresso de Paris, que

coisa mais o admirára lá por margens do Sena? Pronto retor-
quiu: — «O morto que fala.»

E calou-se, como alheado.

Pausa de suspensão, neste em meio que os ouvintes ocupa-
ram debelando o enigma.

— Quem, afinal? — reforçaram.

— Ah! sim. O morto que fala, é Henri Rochefort.

Em verdade, o Rochefort da *Lanterne*, gaiato de genio, o
panfletario que só escrevia com brasas vivas na carne dos rea-
cionistas, o comunista, morrera de ha muito. Os nomes dos ho-
mens do seu tempo, pertenciam á historia. Seus camaradas de
peleja, finados eram.

Em lugar do Rochefort d'outrora, sobrevivia um Rochefort,
com gestos e estilo de moço, claro lume no olhar que o crespo
carçal das sobrelhas mais acendia, mas combatendo pela
reação e aseteando os governos da Republica radical, com o vo-
cabulario e o lote d'argumentos que empregara contra os gover-
nos do Imperio.

Não envelhecera elle, envelheceu o seu tempo. Uma outra
raça sucedêra á raça da sua juventude, outra França surgira
armada, diferente da França da sua mocidade.

Rochefort não o quiz comprecender, e estacou no periodo ul-
timo duma éra extinta, raivoso e tenaz, fincado, entre o turbi-
lhão do movimento intelectual francês, — na hierarquica impas-
sibilidade dum profeta do passado.

Morreu pela segunda vez, sem que ninguem dêsse pela
perda do Abencerragem gualdido.

Ha entre nós um caso com seus longes de similhaça ao
anterior. Não é um morto que fala, é um morto que vive. E go-
verna, e manda, e rege os destinos dum povo.

Descubram-se! Passa Sua Magestade Bacôco Magno, rei dos
lusos e da Lusitania, e das conquistas, navegação e comercio do
Credito Predial. Traz a honestidade na boca e a corrupção no
peito. São setenta e dois annos de galés, com a grilheta da vir-
tude chumbada aos tornosêlos. E' o mais venerando dos coirões
imaculados.

Corre-se a vida publica deste homem publico, em demanda dos merecimentos e mais partes que o alçapremaram ao seu poderio presente. Parte-se para a derrota como Argonautas da quimera, volta-se tal D. Quixote derreado por uma sóva a pau enxuto.

Catam-se-lhe as ações, esmiuça-se-lhe a influencia, esquadrinham-se-lhe as qualidades. Aperta-se o resultado na mão: total — lama!

Foi jornalista sem cunho nem perfil. Não marcou epoca, nem deixou vinco. Estilo de toda a gente, ideias de ninguem, — agua de malvas em essencia de nulidade. Os *Boletins da Torreira*, um sarapatel reprovado por qualquer aluno da 4.^a classe dos liceus.

Foi orador. Chato, espalmado, insipido, como uma sôlha. Nem frase comestivel encobrimdo o vasio da arenga, nem conceito que realçasse pela justêsa do pensamento, nem elevação de vistas, nem chama de convicções. No fundo é um sceptico de temperamento, que só acredita na propria astucia, e só um dogma professa — o da sua importancia.

E' um monstro de sciencia juridica, o torreão pelasgo do direito administrativo, capaz de começar um codigo quando se senta na cadeira furada, e de se limpar a elle ao terminar a operação! E os seus intimos, a sua côrte, de tal forma intoiram as bochechas neste ponto da sabedoria do Mestre, que a gente se alonga a toda a véla, não vão elles arrancar d'entre as campainhas da garganta a biblioteca de Alexandria.

E' possivel! E' possivel! Vivendo nós no torrão das maravilhas, que o Mestre seja o Tomaz d'Aquino da exegése e da filosofia juridicas. Mas os seus trabalhos resultam magrinhos e chôchos, secundarios e descosidos. Todos o crêem apto para emaranhar juntas de paroquia, camaras municipaes, corporações administrativas, em malha de art.^{os} e §§, leis estravagantes e sofismas, que nem rato de mais aguçado dente, de lá conseguiria escapar. Preparamo-nos para assistir á contraprova. Nenhum rato sairá do Credito Predial.

Mas d'ahi ás alturas a que o guindam, vai, pelo menos, um espaço que custa a percorrer outros 72 annos de innocencia, sem nodoa de pecado original.

Que isto de fabricar Codigos e Constituições, custa o mesmo que levantar torres d'agua.

Na *España sin rey* de Pérez Galdós, a protagonista Fernanda Demetria, assim escreve ao marido deputado :

—«Dizes que vaes fazer uma Constituição. Por Deus, não te metas nisso... Em todo o caso, pega numa das antigas e com um garaveto aqui, outro acolá, dá-la por nova. Contou-me minha mãe que o famoso cavaleiro D. Beltrão de Urdaneta, quando já tolejava com a idade, não tinha outro entretenimento que o de fazer constituições. Uma por noite, que no dia seguinte lhe servia para passarinhos de papel».

Ahi está a receita.

E pois que á tona vieram, pelo anno de 1906, como amstras do tino administrativo de Bacôco Magno, as roças de S. Tomé, tambem os entendidos decidiram que taes roças se resolviam em tão lucrativas emprêsas como certas tentativas de fantasistas *trusts* americanos. Por exemplo : — o das vias ferreas inter-sideraes, ou o da exploração dos lagos d'oleo d'amen-
doa doce.

Ajunte-se a este rosario florido de primaciaes qualidades, que, como estadista, nunca soube o que era um segredo d'Estado. Vae o calista arrancar-lhe um olho de perdiz, e logo estarece o pedicuro descobrindo-lhe as reservas diplomaticas do ultimo correio secreto.

Entra o barbeiro, e elle conta os episodios do conselho de ministros. O enfermeiro aproxima-se para uma lavagem á bexiga, e confia-lhe as dificuldades do seu condado d'Anadia.

No fim intriga o barbeiro com o calista, os dois com o enfermeiro. Mente a cada um em separado, desmente-se na presença dos tres. Se percebe tormenta, agarra-se ao seu favorito e salvador ritornelo : — «Não fui eu! Não fui eu!»

Enxota o maltez, despede o terceto que sae esfaqueando-se fraternalmente, e ao outro dia recomeça.

E' á sua arte de governar, são as suas manhas de trazer os subalternos á arreata.

Comtudo este mediocre, esta velhacaria de chatim banal, sem rasgo d'originalidade, nem arremesso d'audacia, triunfou. Reina e governa. Morrem os reis e elle fica; desfazem-se os ministros em lôgros de sombra, e elle nem varia de processos, nem navega agua arriba.

Ri-se, socarronamente, maliciando intenções, cultivando os trocadilhos insulsos. De quando em quando casquina uma gargalhada mais rija, e tafula na conversa sinonimos chocarreiros. E' um adversario vencido, é uma desforra tirada.

Com o dobar dos annos forrou-se d'odios acumulados; o odio vitalisa. Contava um meu amigo epigramatico: Para o José Luciano, o odio vale as injeções do sôro fisiologico.

Toda a sua filosofia se cifra em dois brocardos, que lhe regulam a vida, e que elle se apropriou como norma de conduta.

a) — A constancia é a virtude das medianias.

Por isso elle é tenaz, duma tenacidade rara, toda proposta a um só fito, por vezes oculta em fingida versatilidade.

b) — A quem precisa, a vergonha não serve de nada.

Por isso considerou sempre o pudor politico, como aleijão moral.

No começo do seu reinado, serviram-no os acontecimentos. Agora serve-se elle dos homens.

Morto Anselmo Braancamp, detestado por D. Luiz, pela sua honestidade inquebrantavel, as forças *reformistas*, democraticas avançadas, que ainda existiam no seio do progressismo, indicavam Mariano de Carvalho para chefe do partido.

D. Luiz, porém, recordava-se das violentas, plebeias, e demolidoras refestas, do alto jornalista do *Popular*, mormente de 1877-79. Mariano de Carvalho pensou que, elle á testa do partido, o progressismo só alcançaria conquistar o poder, acuando o rei a uma revolução. Temeu-se da betesga, e duma derrota. Levou os seus votos para o anodino Bacôco.

Bacôco, encapuzando a sua força de vontade em bonhomia simploria, aceitou a chefia, aceitou as condições, aceitou os protutores.

E lentamente, aranha paciente da intriga, ia minando a reputação e o prestigio daquelles que no partido lhe podiam fa-

zer sombra. Divide e governarás — velho preceito da monarquia absoluta, tão maldoso quão verdadeiro.

Tudo o que no seu partido possuia qualquer superioridade, orador notavel, jornalista de brilho, cultura solida, caracter de pouca maleabilidade arredou-os, aos poucos. Armava-os em brigada, para elles mutuamente se desbaratarem. Estes afastavam-se hoje, aquelles d'ahi a uns annos, outros ainda ao cabo de beberem mares de fel e d'orgulhos feridos.

Alguns reconciliaram-se, a mór parte acabou impenitente.

Assim padeceram Mariano de Carvalho, Emidio Navarro, Antonio Ennes, Oliveira Martins, Antonio Candido, Carlos Valbom, outros mais que no momento não recordo, e os ultimos da serie, José d'Alpoim e Francisco Medeiros. Ao proprio snr. Beirão, titere lunatico, especie de bonifrate com que os familiares da casa se divertem, fez falhar tres ministerios. Um em 1900 quando Bacôco preferiu que Hintze subisse, a entregar a presidencia ao seu homem de palha atual; e dois no reinado presente, no correr d'episodios picarescos e repugnantes.

Assim Bacôco apagava as estrelas da sua constelação, e guardava os pirilampos. Subia em vaidade balôfa, quanto mais a sua côrte baixava. Seria um menino entre doutores, preferiu ser doutor entre meninos. A unica ambição legitima que elle reconhece, é a sua; á camarilha dos Navegantes tolera ambiçõesinhas de quartilho a quartilho e meio, e elle lhas almuda com sistema parco e pôrco.

*

*

*

O ministerio por Bacôco presidido de 1897 a 900, tem a sua critica no brado de José Caldas:

— «E' o homem mais nefasto do paiz.» (1)

Bacôco vinha da *coligação-liberal*, e emquanto na sua

(1) Em 97 a divida flutuante estava em 34:861 contos, em 900 ficava em 47:909. Aumento — 13:048 contos. Em setembro de 1907 emitiram mais 2:790 contos de consolidado 3 o/o; em julho de 99, mais 51:388 contos, para caução de letras, recibos do tesouro, e adeantamentos do Banco de Portugal. Ao todo 67:226 contos em 22 mezes: cêrca de 3:056 contos ao mez.

casa — como contou em publico Mariano de Carvalho — vinte marchaes monarchicos votavam por maioria a Republica, encaminhava-se elle de noite, aforrado, até ao Paço, socegar D. Carlos. Que aquillo tudo era apenas braseiro de chamiços, fumaça de palha molhada!

Mas já ninguém lhe chamava Bacôco, a sêco. Já o declaravam potencia formidavelmente artilosa, imperador dos rodilhões.

Até que assistimos ao ministerio dos tabacos, a morte civil de José Luciano. Só o estrume d'Espregueira dava para adubar os oceanos.

Na camara dos pares, musgosa e solene matrona, presentia-se um espectaculo unico em todos os parlamentos modernos. O presidente de ministros, alquebrado de velhice, branco das injurias do tempo, mal firme nas pernas com prodromos de paralisia, trazido ao colo, fala dos seus serviços ao paiz, clama em desespero a sua honestidade, e jura pela sua honra.

E' uma scena que devia provocar talvez piedade, talvez um linimento momentaneo do queimôr das paixões.

Mal a jura pela sua honra brota dos labios do ancião, um estampido gigantesco trôa pela sala. São as gargalhadas dos pares, dos continuos, das galerias, dos taquigrafos, do povo inteiro. Foi um movimento de irreprimivel espontaneidade, foi o juizo dos contemporaneos, foi a alma de Juvenal atravessando a atmosfera.

José Luciano vacilou, a mascara enfumeou-se de palidez, e caiu exausto na cadeira. Falecêra de subito.

Começava, desde esse minuto, o periodo de Bacôco Magno, rei da Lusitania. Estamos a pagar os risos em moeda cara. O morto vive, reina e alimenta-se de vinganças.

«A quem precisa, a vergonha não serve de nada.»

Referiram-me esta anecdota que desenha um estado psicologico.

No mais azedo da questão dos tabacos, ia na côrte de Bacôco uma subida açougada de vozes. Era um motim d'alvitristas barulhentos.

Elle, silencioso, dobrado sobre um papel, alinhava numeros e datas.

— Algum calculo de finanças, conselheiro? — boquejou um valido.

— Que não — acenou elle.

Acalmava-se o ruido em presença da contensão d'animo do senhor.

Terminada a serie de rabiscos, ergueu a cabeça, e suspirou:

— Coitado! coitado! Morre dez annos antes de mim!

— Quem? — anciaram todos.

— Ora essa! o Alpoim. Acabei de tirar a media da vida na familia d'elle e na minha, e as cifras cantam. Hei-de sobreviver-lhe 10 annos.

*

*

*

Caiu o franquismo, executaram-se reis, mudaram os tempos, mas Bacôco, o Magno, permaneceu na mesma. Julga que nada se transformou, que em Portugal nada de novo surgiu. Avista os phenomenos pela casca, e todos lhe parecem iguaes aos da sua juventude. Envolve-se num escandalo temeroso? Paciencia! Outros lhe passaram sobre a pele, sem deixar rasto.

Mas de que força dispõe esse morto para assim dominar uma sociedade!

E' que elle é uma vontade, toda inclinada numa só tendencia, é a energia cega do homem duma só ideia — mandar. Elle á a vontade em ação, os outros só vontade em palavras.

Chegam estes, com a palavra e a pena, a todas as audacias. Mas quando se torna necessario transformar esses arrojos em actos decisivos, vacilam, titubeiam, acovardam-se ante a brutalidade dos factos. Só o facto redime povos, mas o facto aterra-os. Porque o facto supõe o risco da fortuna, do bem-estar, da mesma vida; implica sacrificios.

Embriagam-se com o alcool das palavras pomposas, das cantantes tiradas oratorias, das frases mordentes do jornal. E depois esperam o milagre de Jericó, que as muralhas tombem ao clangor das trombetas.

Têm a vontade na lingua, e elle tem-na em constante trabalho. Portanto vence. E morto, assassina os vivos.

Na morte dum imperador

A grandêsa da Inglaterra.—O príncipe aposentado.—Antonio Orelia I—Julião I—James I.

Vale tempo e dinheiro a leitura das folhas, quando um rei falece, ou qualquer chefe d'estado fecha os olhos para sempre. Metem-se umas pelos meandros da politica internacional, acham-boando o futuro dos povos. Outras repintam o successo, qual cataclismo planetario.

Mas em todas ellas, que por usança sorvem alentos nos grandes diarios estrangeiros, estende-se a parte anecdotica, que é o fundo das gavetas da redação, ou fruto da inventiva dum reporter em falha d'informações. A respeito d'Eduardo VII já reli, pela quinta ou sexta vez, anedotas servidas á morte dos monarcas nos ultimos quinze annos. São objetos que fazem parte dos funeraes principescos, como a corôa, o scetro, o palafrem e as carroças de cerimonia, toldadas de luto.

Ao mesmo tempo atribue-se ao soberano a mais desmarcada ação sobre os successos mundiaes. Politica internacional, evolução da Inglaterra, alterações no estado dos povos europeus, guerras liquidadas em abraços, alianças economicas, tudo girava nos dedos daquelle rei.

Talvez seja de mais para um só homem.

No seu reinado acabou a sangrenta guerra boer, — alegam como prova. E' verdade. Mas tambem a Gran Bretanha açulou o Japão contra a Russia.

No seu reinado formou-se a federação da Australia, formula republicana sob a suzerania britanica, — aporfiam. E' exacto. Mas tambem se não concedeu o *home-rule* á Irlanda, cancro pegado no flanco do colosso.

No seu reinado a Inglaterra auxiliou a revolução constitucional da Turquia. E' provavel. Mas tambem, pelo tratado com a Russia, que a esta garantiu a sua segurança exterior, pôde o Czar vermelho empregar todos os seus exercitos no interior, esmagando os revolucionarios, para que o seu imperio continue sendo o carcere de cem milhões d'almas.

O que ha de grande na Inglaterra contemporanea não são os seus reis; é a serie de grandes estadistas como outros povos não contam tão numerosos, homens de largo ver e firme proceder, seguindo friamente, quiçá implacavelmente, uma politica subordinada aos interesses do seu paiz.

A Inglaterra tem de grande o seu amor pelas liberdades individuaes, o seu espirito profundamente religioso, e a força prodigiosa da opinião publica que desfaria como bilhas de barro, reis e estadistas que a esta se oposessem.

A Inglaterra tem de grande as suas instituições seculares, conquistadas pelo esforço do seu povo, não doadas como migalhas atiradas a um mendigo, nem impostas por tiranetes de comedia, e que ella adapta e transforma progressivamente.

A Inglaterra tem de grande o seu orgulho de raça viril e robusta, o orgulho da sua riqueza e do seu poder, o orgulho do bretão que em si confia, que na sua patria é cidadão, na sua casa um rei: *my house, my castle*.

A Inglaterra tem de grande não a corrente imperialista e cubiçosa, dura com os fracos, mas a alma puritana, grandiosa, legalista, sombriamente biblica, que odia a injustiça, e aborrece a iniquidade. Esta Inglaterra não humilha os pequenos; só despreza os povos indignos.

Eduardo VII foi um rei constitucional? Pois que havia elle de ser na Inglaterra? Ou cumpria a lei, ou deixava o trono. O inglês não é povo que perca a memoria, como o português. Bem se lembra de que o verdugo decepou a cabeça de Carlos I, porque este calcara as liberdades publicas. Lá, guardar escrupulosamente as leis fundamentaes não chega a ser virtude, é uma necessidade para quem quiser reinar.

* * *

Depois, os louvaminheiros que intendem que engrandecer um rei é absolver todas as dinastias, e que entoar hinos á monarchia inglesa é fazer a apologia de todos os sistemas monarchicos — repuxam o vulto de Eduardo VII até topetar com os ceos. Para elles, o rei britanico era um manual, luxuosamente cartonado, de todas as virtudes.

Sejamos justos. Se Eduardo VII, depois de coroado, como homem que quer descanso, consideração, e socegar no posto de chefe d'estado — olhem que desses logares ha poucos! — se regenerou, a sua vida anterior não é, decididamente, um modelo a propor nos collegios d'educação para os dois sexos.

Dissoluto, libertino, jogador acerbado no azar das cartas, entrando pela pinga como a maruja pelo *gin*, as suas orgias, os seus desvarios, déram ansa a escandalos de grosso porte, offendendo o *cant* britânico, e promovendo na sua patria aggressivas e offensivas campanhas publicas. Chegou a tornar se impopular.

Era um principe do boulevard parisiense, um principe de *cocotes*, que a não pertencer á casa d'Inglaterra e ter um imperio em perspectiva, rolaria ao subterraneo dos *déclassés*, assim como desciam aquelles principelhos por Daudet retalhados no seu volume *Os reis no exilio*.

As mais altas lucubrações da sua roda consistiam no córte da casaca, no talhe do colarinho, no formato e côr do chapeo. Copiava seu tio Jorge IV, que por sua banda imitava Brummel, imperador das gravatas.

Esbanjou, desbaratou, queimou a vida, em prazer e gosar, que chegava para toda a ducalhada d'além Reno. Até aos 60 annos! Em chegando a essa neve da idade, que se ha-de fazer? Repetir o que *Magnus*, duque de S. Vicente de Fóra, dizia:

Hoje o caso é diverso

Aos sessenta já custa endireitar um verso.

Brummel, que deixara ao mundo o invento genial duma nova fivela dos sapatos, ensandeceu. O estroina principe de Gales, aposentou-se em burguês morigerado. Se por instantes lhe apetessem nozes, faltavam lhe molares, e pensava que tinha uma corôa a guardar.

* * *

Mas outros reis houve, cuja morte mais me comoveu e abalou que a do Imperador das Indias e Rei do Reino Unido.

Quem ouviu já falar de Antonio Orelia I, morto de tuberculose, contraida no seu officio de reinar, no hospital de Marselha?

Pois era rei da Araucania, hoje provincia do Chile, e en-

tão comarca livre, com a população incomputavel de 100 a 200 habitantes. Eleito rei por aclamação, meteu-se nada menos que em guerra com o Chile. Derrotado, deposeram-no. Foi o que aconteceu a Napoleão em Sédan. A pequenês da corôa não evita a grandêsa da tragedia.

E Julião I, de seu verdadeiro nome Mayrena, popularissimo nos boulevards de Paris? Pois reinou sobre uma tribu de *fédangs*, ao norte do Tonkin. Deitou-se á Europa, martelou á porta das chancelarias europeias, pedindo que o reconhecessem. Os desalmados diplomatas tratavam-no apenas como um alegre e divertido francês.

Regressando aos estados, os vassallos despiram-lhe o manto regio, expulsando-o. E volta a Paris, a vender batata frita!

E outro, este agora jornalista, Harden-Hickey, casado romanescamente com uma milionaria transatlantica? Arribou por acaso á Trindade, e perguntou a quem pertencia a ilha.

— A ninguém.

— Pois então é minha.

Instalou-se, proclamando-se rei, trouxe comsigo operarios e soldados, e tomou nome de James I, como todo o imperante que se presa.

Na primeira semana assinou uma Constituição, fundou uma aristocracia, instituiu uma ordem. Sobrevem a Inglaterra, reivindicada a ilha, empurra o monarcha dos seus legitimos estados, e este suicida-se em Nova-York.

Talvez nos Campos-Eliseos, no bosque reservado aos soberanos, as sombras do rei da Trindade, e do rei d'Inglaterra se encontrem em colloquio amavel.

— James I, da Trindade.

— Eduardo VII da Grã-Bretanha.

— Como alcançou o trono? — inquirá o primeiro.

— Por herança.

— Pois o meu ganhei-o, replicará orgulhosamente o outro.

E tem mais merecimento.

